

Stadium

N.º 304

29 de Setembro de 1948

Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

OS DESAFIOS DE LISBOA — Dois bons guardaredes em acção: em cima, Isaurindo; em baixo, Pinto Machado.



A boa defesa do Benfica

dominou com facilidade o frágil ataque belenense

Os jogos de Braga e de Elvas corresponderam à expectativa e o Vitória de Setúbal demonstrou em Olhão que pode provocar surpresas

Crónica de TAVARES DA SILVA

A segunda jornada reservava-nos, no papel, um jogo de «cartaz»: entre o Belenense e o Benfica. Depois, teremos de dar um salto e falar de «segundos planos», que também fazem figura nesta grande prova. Assim, o público tinha também posta a sua atenção nos desafios de Braga e Elvas, para onde se deslocaram os grupos da Covilhã e de Guimarães, que na primeira jornada obtiveram vitórias expressivas: — o primeiro e o segundo ganhando ao Boavista e ao Estoril por margem bonita, embora nos seus terrenos.

Eis os resultados gerais da jornada:

Belenenses	0	—	Benfica	...	1
Sporting	7	—	Lusitano	...	1
Estoril	3	—	Atlético	...	1
Boavista	1	—	F. C. Porto	...	5
S. Braga	2	—	Sp. Covilhã	...	2
Elvas	3	—	Vitória (G.)	...	1
Olhanense	1	—	Vitória (S.)	...	0

Fora de casa, apenas triunfaram os grupos do Benfica e do F. C. do Porto. «Fora de casa», — que é como quem diz: «fora dos seus campos», pois tanto os encarnados como os azues terras do Porto jogaram nas suas terras.

No segundo dia do campeonato já uns desceram e outros subiram na tabela da classificação, o que sempre sucede em todos os torneios. Ainda é cedo para julgamentos arrojadados. Vêm-se mais cá para o fim grupos que no campeonato podem classificar-se entre os primeiros; e vice-versa. Para já, o Sporting faz de comandante.

SERÁ talvez cedo para se ver um jogo de «muita categoria».

Mas o encontro Belenense-Benfica pareceu-nos demasiado fraco, mesmo tratando-se de um princípio da época. Os vencedores ganharam justamente, ficando-lhe bem a vitória pela diferença mínima; e a sua defesa e médios devem aplaudir-se pela contribuição dada ao triunfo. Apontadas estas indicações, fica afirmado que o Belenense não pode queixar-se, a menos que julguemos o golo obtido à custa de um defeituoso lançamento de Sétio.

De facto, o Benfica teve outras ocasiões mais propícias mas que desaproveitou. Uma, por exemplo, também na segunda parte (remate de Melão, de cabeça) teria arrancado os melhores aplausos do desafio, pois a jogada teve movimento e a bola chegaria inevitavelmente às malhas se saísse um pouco mais baixa.

O Benfica não contou com ataque de valor semelhante à defesa. Foi, porém, superior ao do Belenense, que se emburrou constantemente com a bola, querendo «furar» por entre adversários em vez de servir o jogo e a equipa com entregas feitas na altura própria. A formação belenense precisa de trabalhar muito para chegar ao seu valor de outros tempos. Os seus interiores raras vezes apro-

veitaram as desmarcações de Sidónio, que se viu coagido por Félix, sem culpa própria. A força de remate do actual comandante da linha dianteira belenense só pode aparecer se o desmarcarem cuidadosamente. Como o faziam Vasques e Travaços, por exemplo. No domingo, se colocássemos Peyroteo entre os interiores do Belenenses, teria acontecido o mesmo...

Já os defesas do Benfica, primeiro, e do Belenense, a seguir, deram ao jogo os melhores momentos de agrado. O «quinteto» do Benfica, esquecendo Pinto Machado, seguro também, denunciou mais capacidade. Francisco Ferreira e Félix, principalmente, cumpriram admiravelmente com as suas obrigações; e Jacinto e Moreira seguiram-nos com distinção. Falhou o ataque belenense por influência da defesa do Benfica? Não pode pôr-se de parte esta impressão...

Mas a defesa belenense também não jogou mal. Menos «ligada» que a do Benfica, menos forte nos seus movimentos de «marcação», isso sim. Talvez aqui se possa dizer como em cima: — os dianteiros encarnados, embora com falhas, agradaram mais que os do adversário e obrigaram as defesas do Belenense, possivelmente, a trabalho menos brilhante. Deste modo, teria a defesa do Benfica feito fracassar por completo os avançados do Belenense; e teria o ataque vencedor jogado 25% mais, enquanto as linhas defensivas do adversário «quasi» chegaram à bitola do mesmo sector do Benfica.

Por números: 100% para toda a defesa do Benfica; 75% para a do

Belenenses, com 25% para o ataque dos encarnados. Ficam os dianteiros azues sem percentagem? Talvez sim...

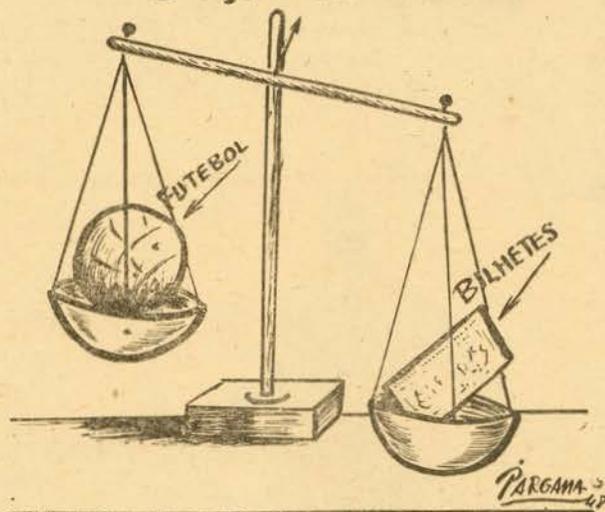
PENSAVA-SE com justa razão que o Sporting dominaria o Lusitano, grupo que na época finda levou a maior derrota dos «luses»; 12-0. Este ano, os algarvios fizeram melhor, pois furaram as redes de Azevedo e sofreram menos 5 tentos! Progresso dos visitantes? Inferioridade leonina não é com certeza...

O jogo, também como se previa, não forneceu especiais atractivos. A equipa do Lusitano, que principiou com um empate, no seu campo, contra o Belenense, entrou no Lumiar disposta a bater-se; mas por certo sabia que lhe não era fácil evitar a derrota. O Sporting não perdoaria qualquer acção de ataque insistente... Mais ponto, menos ponto — e a vitória havia de ficar em casa.

Estoril e Atlético criaram já entre si uma rivalidade interessante. Os rapazes da Costa do Sol têm tido certas dificuldades na frente dos alcan-tarenenses, em jogos passados, e no domingo aconteceu assim mais uma vez. Segundo a crítica que assistiu ao desafio, a formação visitante apenas cedeu... — quando jogava contra 10 homens, por expulsão de Vieira, um rapaz que costuma ser correcto, reflectido. Mas acontece...

O Atlético ainda não tem pontos. Todavia é de esperar que algumas surpresas surjam, pois a equipa não é má e tem consciência técnica.

A «graça» da semana



O futebol «desce» e os bilhetes aumentam de... «peso»!!!

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1
Telefone, 31167 — USBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade da
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

NO norte do país, na linda capital do Minho, jogou-se um desafio que provocava a expectativa. Os bracarenenses haviam despertado o interesse público depois de ganharem no Campo dos Arcos, em Setúbal. E o Sporting da Covilhã, estreante e vencedora do Boavista por 4-0, também «metia medo», mesmo na sua qualidade de visitante.

Não surpreende, portanto, que o Sporting de Braga se visse embaraçado e não fosse além de 2-1. Vê-se, seja como for, que é preciso contar com os covilhães, derrotados pela tangente num campo onde outros mais fortes podem «ficar»...

É tradicional! Possua o Porto boa ou má equipa, a grupo da sua terra, neste caso o Boavista, perturba-se quase sempre. Neste desafio, o F. C. Porto mandou no terreno como dono e senhor, dominando um grupo a que faltou convicção e também uma ou outra pedra de categoria.

Possue o F. C. Porto um conjunto de valor? Também é cedo para dar uma opinião, tanto mais que a crítica tem opiniões diferentes. Sobre o jogador Silva, por exemplo, dizem uns colegas que é bom, muito bom; outros, pronunciam-se vagarosamente... Parece, porém, que o F. C. P. escolheu alguns jogadores de fibra: — o extremo esquerdo, Vieira, está-se tornando notado. Mas o Boavista não deve servir ainda de pedra de toque ao valor «portistas».

Vitória de Setúbal e Olhanense jogaram um desafio que se esperava menos renhido. Os setubalenses, avisados pela derrota que lhes aplicou o Sporting de Braga, portaram-se bem no campo algarvio; e o Olhanense, que apenas cedeu um tento ao Benfica, no Campo Grande, viu agora que não há jogos fáceis, por mais que se diga... Não deve pôr-se de lado o valor do campeão sadino. Perder no Estádio Padinha apenas por 1-0 corresponde a esta certeza: — os setubalenses melhoram as suas linhas e procuram evitar desgostos.

EM Elvas jogaram os vimaranenses — e a «saida» era difícil. Perderam os campeonatos do Minho por 3-2, depois de um jogo renhido, por vezes equilibrado. Claro que os campeonatos alemitejanos terminaram na situação de bons vencedores, porque derrotar o Vitória de Guimarães, mesmo no campo da casa, não é tarefa nada fácil.

Pode o público contar com alguns desafios renhidos em vários campos. Talvez se possa dizer que os «grandes» devem cuidar bastante das suas deslocações...



Da Silva, o jogador que triunfou no Porto

O jogador brasileiro Da Silva fechou contrato com o F. C. do Porto. Embora o clube portuense tivesse arrumado já a situação do jogador perante o Barcelona, ele viera para o Porto sem compromisso algum, confiado nos seus recursos e afirmando que pretendia apenas que o vissem jogar para depois se entrar em negociações.

Esta atitude de firmeza cativou os dirigentes do popular clube nortenho. E quando se poderia esperar certa resistência de Silva em alinhar logo no dia seguinte à sua chegada (depois de uma viagem exaustiva e demolidora de energias, frente a um público desconhecido que o seguiria nos mais pequenos espaços) tal não aconteceu.

O F. C. do Porto havia anunciado a presença do célebre jogador e ele prontificou-se a alinhar contra o Belenenses.

Para os olhos de quem conhece o futebol, Silva, numa série de porme-

O brasileiro Da Silva que chegou a treinar no Sporting

dlz-nos que o F. C. do Porto deve ganhar o Campeonato Nacional

nores definiu a sua «classe». Mas o público é exigente — e os críticos de café são difíceis de contentar...

O jogador brasileiro compreendeu o ambiente. Disse-nos, num dia em que se encontrou conosco: — «Estou confiado em que venceré. É natural esta dúvida. O tempo há-de estar por mim».

Passados dias vimos Silva jogar em Espinho. Foi de encanto a sua exibição, tão desenhada, tão fértil em pormenores e com o sinete de «classe» indiscutível.

No primeiro momento em que trocamos impressões, felicitamos o jogador brasileiro. Confessamos mesmo que ultrapassa a nossa expectativa.

Silva, sem alarde de vaidade, afirmou-nos: — «Acredito que tenho de jogar melhor ainda. Estou há pouco tempo em Portugal e conheço mal a equipa. Estou contente com ela, com a camaradagem que ali se vive, a despesa de poder ser encarado como um intruso».

«O F. C. do Porto tem indiscutivelmente um bom grupo. Gosto muito do labor da sua linha de médios, onde Joaquim se mostra um autêntico «astro». Na frente o Araújo deve dar-se muito bem comigo. Não me esquecerei do poder do seu remate, como me esforcei por mostrar-me fiel ao sistema argentino, do avançado-centro volante, a agir em todo o campo, transformado em «aguadeiro» do ataque.

Silva, modestamente, esquecia o seu poderoso remate, tão denunciado no encontro de Espinho em que os seus dois pés obraram prodígios, Da Silva que se impôs definitivamente no desafio contra o Boavista, continuou: — «O Ângelo é novito mas tem habilidade. Sabe pensar. E esta virtude não é vulgar. Tudo farei para não consentir que nasça qualquer arrendimento pelo facto de me terem ido buscar a Barcelona, onde realmente não tinha nenhum

Previsões da 3.ª Jornada

DESTA vez houve palpites que bateram certos. Acertámos em cheio no vaticínio para o jogo Sporting-Lusitano (7-1) e Boavista-Porto, e ainda nas marcas do Estoril, «Guimarães» e «Braga», cujos adversários marcaram apenas uma bola de diferença das previsões!

A 3.ª jornada do Campeonato Nacional compreende os seguintes jogos, mencionando-se entre parêntesis, os resultados da época passada:

Sporting-Estoril (3-1)
Atlético-Elvas (5-2)
V. Guimarães-Boavista (2-1)
F. C. Porto-Braga (2-1)
Covilhã-Olhansense
V. Setúbal-Belenenses (0-3)
Lusitano-Benfica (2-7)

— Já lá vai o tempo em que um jogo Sporting-Estoril era uma dor de cabeça para os adeptos leoninos.

Mas há um tempo para cá que os rapazes do Estoril não parecem tão bravos!... Contudo, nós ainda vamos por uma vitoriazita do Sporting, mas não nos alargaremos muito. Talvez 4-2...

— Decididamente, o Elvas não é para brincadeiras. E os do Atlético como sabem isso muito bem, preparam-se para o receber com as honras devidas e só se não puderem é que deixarão a baliza de Callejas incólume! Os alcantarenses meterão pelo menos 3 golos e poderão dar-se por muito satisfeitos se os alentejanos não forem além das duas...

— O Boavista não há meio de acertar na «borracha». E receamos que não seja ainda desta vez. O Vitória hade corresponder ao seu nome — e temos um palpite que não fará

as coisas por menos de três bolas de diferença!

— Parece que os rapazes de Braga têm uma certa queda para jogar contra os campeões do Norte. Não vamos ao ponto de lhe vaticinar uma vitória ou mesmo empate, porque nestas coisas de previsões o melhor é ainda seguir pela lógica. Mas atendendo à forma actual do «onze» portuense, um resultado que se assemelhe, por exemplo, a 3-1, era já um feito para não desprezar...

— Lá em «casas», os «leões da Serra» têm um cartel formidável. E o Olhanense vai lá «acima» numa altura em que os rapazes ainda andam nervosos com a estreita e ardoendo em desejos de botar figura! Nossa previsão: 4-2, a favor dos locais.

— Atravessar o Tejo para ir a Setúbal não parece empresa complicada. Mas onde os apertos começam é no Campo dos Arcos. Ai é que a «porca toree o rabo», como diz o vulgo. Mas tanto o Belenenses como o Vitória não parecem muito susceptíveis de arranjar um jogo que meta golos a granel. Os «defesas» de ambos os lados não apreciam muito o género. De modo que vaticinamos um resultado discreto: 2-0, com proveito dos visitantes.

— O Lusitano continua de serviço aos «Grandes». Desta vez recebe o «papá». Mas como os «filhos» se tem comportado muito bem, não haverá abusos, como da outra vez. Mesmo porque os rapazinhas já estão um pouco mais esprevidados... Mas o Benfica virá do Algarve com os dois preciosos pontos de classificação. Quanto a golos, talvez uns 2-1, para animar o ambiente...

Classificação Geral

	CASA					FORA					TOTAL				
	J.	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.	B.	P.	
Sporting	2	1	—	—	7-1	1	—	—	3-0	2	—	—	10-1	4	
F. C. Porto.....	2	1	—	—	3-1	1	—	—	5-1	2	—	—	8-2	4	
Benfica	2	1	—	—	1-0	1	—	—	1-0	2	—	—	2-0	4	
Sp. de Braga...	2	1	—	—	2-1	1	—	—	2-1	2	—	—	4-2	4	
Sp. da Covilhã..	2	1	—	—	4-0	—	—	1-2	1-2	1	—	1	5-2	2	
Vitória (G.)....	2	1	—	—	4-1	—	—	1-2	2-3	1	—	1	6-4	2	
Olhansense	2	1	—	—	1-0	—	—	1-0	1-1	1	—	1	1-1	2	
Estoril,	2	1	—	—	3-1	—	—	1-4	1-4	1	—	1	4-5	2	
Elvas	2	1	—	—	3-2	—	—	1-3	1-3	1	—	1	4-5	2	
Belenenses	2	—	—	1	0-1	—	1	—	1-1	—	1	1	1-2	1	
Lusitano	2	—	1	—	1-1	—	1	—	1-7	—	1	1	2-8	1	
Vitória (S.)....	2	—	—	1	1-2	—	—	1-0	1-1	—	—	2	1-3	0	
Atlético	2	—	—	1	0-3	—	—	1-3	—	—	2	—	1-6	0	
Boavista	2	—	—	1	1-5	—	—	1-0	4-	—	2	—	1-9	0	

entusiasmo para jogar. Ainda bem que vim para o Porto, para junto da terra onde nasceram meus pais».

— Quanto aos resultados que o F. C. do Porto pode alcançar?

— Tenho poucas indicações das equipas portuguesas. Vi jogar o Belenenses e o Sporting, este em Barcelona.

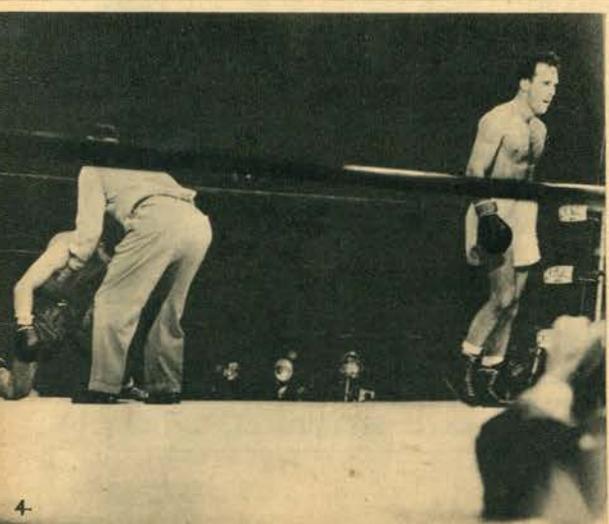
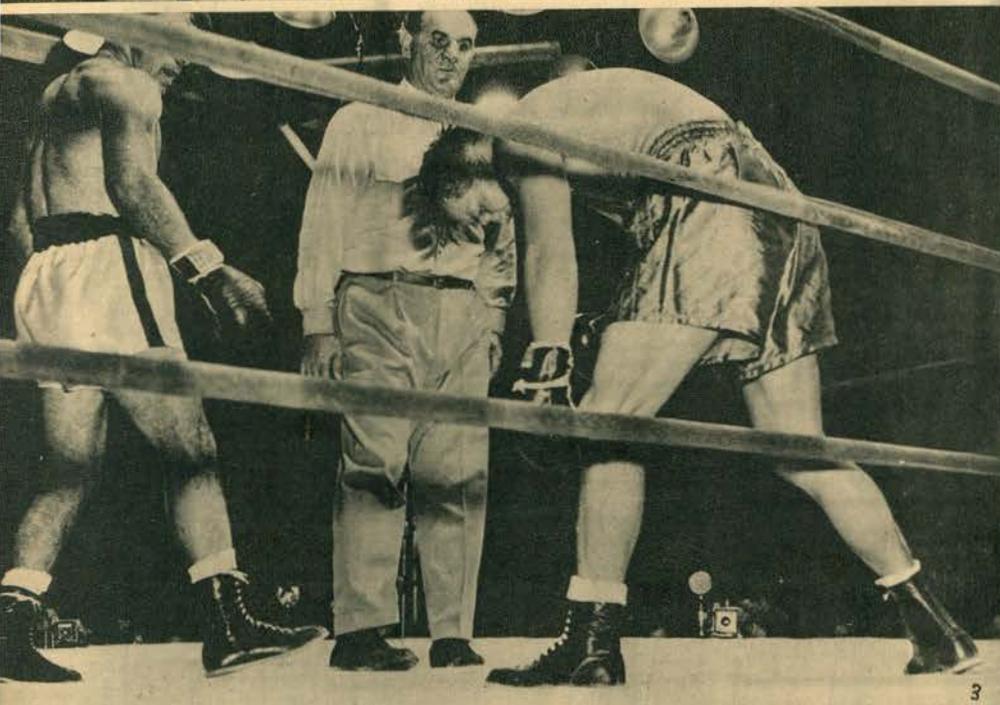
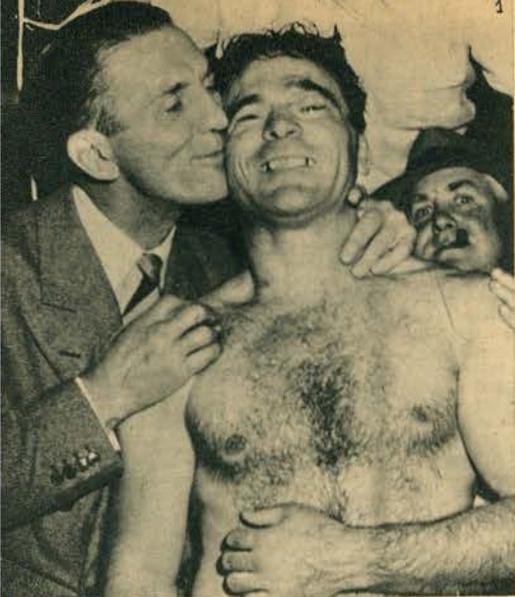
Cheguei a treinar no grupo leonino. Parece-me que não interessou o meu concurso porque também não ficaria em Lisboa senão em condições que me agradassem. E parece-me que o meu «agradar» estava um tanto longe dos «projectos» do Sporting.

Se não aparecer mais nenhuma equipa-surpresa, estou animado da ideia de que poderemos ganhar o campeonato. E recorda-se que já lhe fiz salientar este pormenor: o de terem ficado campeões todos os grupos pelos quais alinhava a primeira vez! Quem sabe se terá comigo qualquer talismã».

Alves Teixeira

No próximo número:

ALVES TEIXEIRA entrevista Lino Moreira e seu filho José Lino.



CERDAN

O novo campeão do Mundo!

1— Georges Carpentier, antigo ídolo dos europeus e decerto o melhor pugilista francês de todos os tempos, no acto de endereçar as parábens a Marcel Cerdan pela brilhante vitória sobre Tony Zale. 2 — Demonstrando que tanto sabe perder como ganhar Tony Zale (à esquerda) reuniu o resto das suas energias e foi felicitar Marcel Cerdan, no momento épico do triunfo. Ao lado de Marcel vê-se o perfil de seu irmão, Vicente, que reside em Buenos-Aires e há 22 anos não lhe punha a vista em cima. Atrás do grupo encontra-se Luciano Rouppe, manager do actual campeão do Mundo. Todos se encontram radiantes, pelo que se depreende... 3 — Tony Zale vai cair lentamente no solo depois de um aguaceiro de socos propinados por Marcel Cerdan que se dirige para o canto do timbre. Todos se encontram radiantes, pelo que se depreende... 4 — Zale (à direita) está a tomar na lona, dominado pela fadiga e pelos golpes de Cerdan, que se dirige para o canto.



Esta sequência fotográfica revela-nos com decorreram os momentos decisivos do 11.º assalto do combate Zale-Cerdan. O campeão da Europa despejou tal quantidade de golpes sobre o corpo do seu adversário que este caiu inanimado na lona depois do som do timbre. Cerdan arroja-se sobre Zale e acerta-lhe na maxilar com uma poderosa esquerda, que o atira sobre as cordas; depois o massacre continua até que o árbitro, Cavalier, segura no vencido e vencedor se dirige para o canto.

O Sporting ficou à frente da classificação



Isaurindo observado por Caldeira vai arrojarse aos pés de Peyroteo e evitará um golo



Aparatosa defesa de Isaurindo que se antecipa ao remate de Peyroteo



Sempre na brecha Peyroteo não conseguiu marcar por que a isso se opôs Isaurindo com uma defesa acrobática



Com Isaurindo fora das balizas Caldeira não consegue opor-se à marcação do terceiro golo dos leões



Isaurindo evita que Travassos possa rematar

Uma das raras defesas de apuro da defesa leonina. Manuel Marques observa a trajetória da bola, que Macedo apontara às redes dos leões



Fotos NUNES DE ALMEIDA

O Estoril foi mais prático que o Atlético



Enquanto Caninhas procura dominar a bola, Sebastião prepara-se para acorrer ao lance e Alberto vigia os movimentos do alcantarense

Fotos JOSÉ MANIQUE



Luta enérgica na grande área do Atlético. Correia repele a bola que Mota tentava rematar

CERDAN

novο campeão de «médios»

é hoje o homem mais célebre da França

Vinte e quatro horas antes do combate de Tony Zale com Marcel Cerdan, para discutir o título mundial de categoria «médios», subsistem nos espíritos dos entendidos grandes dúvidas sobre o provável vencedor da batalha.

O prognóstico não podia assentar em bases sólidas, por carência de termos comparativos que fornecessem a «linha», e ligar as carreiras dos dois pugilistas. Somente o ex-campeão George Abrams combatera com ambos, saindo derrotado nesses desafios.

Tais desfechos não favoreciam a ciência de conjecturar, como é óbvio, e só podiam servir de estímo, para o estudo do problema, e análise das qualidades e defeitos do estilo de Cerdan, como de Tony Zale, revelados durante os treinos e no decurso dos últimos combates.

Não vale apenas reproduzir, agora, os prós e os contras que nos induziram a preferir o jogador americano em vez do europeu, ao cabo de um estudo cuidadoso. Basta registar aqui o processo rotundo do nosso palpite.

Cerdan triunfou soberbamente, abalando o seu categorizado adversário, por *knockout* ao 12.º assalto. Fez arde, no decorrer da batalha, de maior mobilidade, excelente capacidade de encaixe e fôlego ilimitado. Dominou nos dois assaltos iniciais, perdeu o quarto, igualou o terceiro e o nono, conquistando os restantes.

Zale deu-lhe magnífica réplica enquanto a fadiga não se apoderou do seu organismo. Depois disso, o seu destino era sucumbir como D. Sebastião em Alcaer: Devagar, devagar! Massacrado de continuo pela maelstrom humana que é o boxeador de Casablanca, Zale foi ao solo e não conseguiu volver ao combate no décimo segundo assalto.

Esta vitória europeia produziu uma reacção inesperada no povo francês, abrangendo também outros países de raça latina.

Apesar das dificuldades econó-

«Seleccção»

Tendo como director o jornalista Mário Rocha que, em tempos recuados, andou no jornalismo desportivo marcando personalidade, começou a publicar-se a semana passada uma Revista da especialidade — Seleccção — que é uma afirmação de bom gosto. «Stadium» tem a sua orientação, já fixada em anos de actividade e segue a sua vida — apreciando o esforço dos outros. Porque sabemos, dada a nossa posição especial, o que custa pôr na rua uma Revista, e o que tal representa para quem a faz e nela se consome, desejamos que «Seleccção» ganhe a sua árdua partida.



MARCEL CERDAN

visto por Pargana

micas e políticos que a França, de momento, atravessa, o combate de Jersey-City executou o milagre de congregar trinta milhões de cidadãos, absorvendo-lhes a ansiedade.

Paris e Casablanca excederam as previsões, mesmo as absurdas. Não se dormiu. Os *bars*, os *café*s e os *casas* de espectáculos encheram-se o *traborder*, para ouvirem o relato do combate.

No conhecido lido, *cabaret* nocturno dos Campos Elísios, reuniram-se homens de letras, várias celebridades, antigos campeões, e quem dispuzesse de dinheiro para despejar algumas garrafas de «Pommery Sec» ou «Veuve Cluot» até à hora da transmissão. Pelas duas e meia da manhã, fizeram discursos Marcel Thil, André Reutis e outros pugilistas do passado, em louvor de Cerdan.

Quando o relato do desafio principiou, estabeleceu-se o mais religioso silêncio naquela sala turbulenta. Depois, na hora do triunfo, foi uma loucura infernal, apoteótica.

Todos expressavam, e seu modo, hosannas em louvor de Cerdan. Muitos queriam-no no governo do País; outros compareavam-no às grandes figuras da História, abaixo de Jeanne d'Arc e Napoleão; grande número chorava de contentamento, mas a homenagem mais justa de todos quantas lhe foram rendidas, saiu dos lábios de Mistlinguett — a velha cançonista de *music-hall*, cujas pernas esculturais deixaram fama.

Suspirando de saudade, desabaçou: «Aquilo sim. É um Homem!»

Rafael Barradas

PORTUGAL

4.º classificado no campeonato da Europa

A classificação da equipa portuguesa no primeiro campeonato de Europa de Voleibol, correspondeu ao que se podia prever na pior das hipóteses; e forçoso é reconhecer que, realmente, neste competição tudo nos correu pelo pior.

Foi, em primeiro lugar, a impossibilidade de deslocação de dois dos elementos do grupo efectivo, os quais, embora tivessem substitutos de classe individual equilibrada (é o caso de Frois, mas não o de Cohen), eram indispensáveis à solidez de bloco seleccionado. Com eles, a representação nacional era, em verdade, a sólida formação do Técnico reforçada por Câmara Pereira; passou, nas circunstâncias verificadas, a ser um grupo mixto de seis fortes jogadores. Não é bem a mesma coisa. Em segundo lugar, o sorteio foi-nos francamente desfavorável, antepondo-nos de início aos mais fortes adversários; talvez, na ordem inversa, estimulados por alguns êxitos, os nossos jogadores tivessem resistido melhor aos franceses e italianos.

O resultado obtido frente a Itália, parece-nos, mesmo, de todos o menos valoroso; e não ser que os jogadores deste país tenham progredido consideravelmente desde que há um ano e meio os vimos jogar em Paris.

A forma como decorreu neste campeonato o seu «match» contra a França parece, aliás, indicá-lo, pois só se decidiu à quinta partida e pela mínima diferença na decisiva.

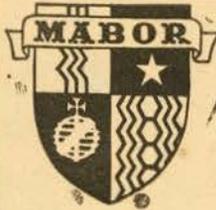
Os resultados do nosso grupo: França, derrota por 11-15, 15-9, 10-15 e 10-15; Checoslováquia, derrota por 3-15, 8-15 e 6-15; Itália, derrota por 9-15, 8-15 e 10-15; Bélgica, vitória por 15-3, 15-13 e 15-13; Holanda, vitória por 15-1, 15-2 e 15-6.

Curiosidades a registar: fomos a equipa que melhor número de pontos somou contra os formidáveis checos e a que menos número consentiu aos holandeses, últimos classificados.

Ficou assim demonstrado em Roma a classe internacional do voleibol português, do que não duvidamos. Da presença no torneio resultaram, com certeza, preciosos ensinamentos que os técnicos presentes saberão aproveitar.

E, como se conseguiu que fosse atribuído ao nosso país a organização do campeonato mundial em 1950, com trabalho alçado e o entusiasmo que caracteriza dirigentes e praticantes da modalidade, temos a consoladora segurança de que, dentro de dois anos, alcançaremos classificação de honra.

José de Eça

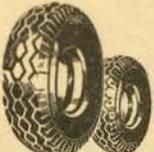


MABOR

**PNEUS
E
CAMARAS DE AR**

MABOR

Produção da
**MANUFATURA NACIONAL
DE BORRACHA**





Artur Quaresma

que no próximo dia 5 encerra uma excepcional carreira de jogador de futebol

disse-nos que publicará um dia as suas «Memórias de desportista»

DEPOIS de «servir» durante 12 anos «Os Belenenses», Quaresma — o pequeno e endiabrado «interior» que foi terror de tantos guarda-redes de quem não eram desconhecidas as suas magníficas qualidades de jogador habilidoso e eficiente — val abandonar a actividade de jogador de futebol. Pela última vez, na próxima terça-feira, Quaresma surgirá aos olhos dos que o elegeram como ídolo, envergando a camisola azul da Cruz de Cristo. Mas não será esse — felizmente para os que o apreciam, para o seu clube e para a sua bulhosa e irrequieta vontade de se dar ao desporto — o último acto da sua vida de desportista e de «belenense». Artur Quaresma continuará a provar ao clube de Belém a sua dedicação, o seu entusiasmo, o fruto do saber de que bastas vezes deu provas, procurando ensinar aos outros o que «amealhou» em treze anos de jogador de 1.ª categoria.

No momento em que Artur Quaresma voluntariamente deixa de alinhar em equipas de futebol — a despeito de contar 30 anos, a sua forma física é magnífica — quisemos focar os dois momentos da sua vida de desportista — jogador e treinador. Não fizemos uma entrevista. Conversámos apenas, trocando impressões sobre a mutação da sua carreira.

E arquivámos o que nos disse: — Aparte alguns aborrecimentos, próprios da vida de todos os atletas que se dedicam ao seu clube — quando as coisas não correm bem — foram-me manifestadas e prestadas provas de gratidão e simpatia que nunca mais poderei esquecer. Assim — continuou Quaresma — posso dizer-lhe que tive momentos de intensa satisfação, que mais tarde penso incluir nas minhas memórias de desportista.

E a concluir, depois desta revelação, «através» da qual ficámos sabendo que Quaresma será o primeiro desportista a publicar as suas memórias, o simpático «belenense» precisou:

— Recordo-me ainda muito bem, uma das minhas melhores tardes de futebol, em Espanha, contra o Real de Madrid, cujo jogo o Belenenses empatou a 2 bolas, e em que me foram manifestadas provas de grande simpatia.

«Outra tarde de glória — para mim — talvez a maior — foi aquela em que o Belenenses, em Elvas, ganhou o jogo que me deu o título de Campeão Nacional, depois de tanto sofrermos.

Ainda no capítulo de recordações, abordámos de seguida as 5 internacionalizações de Quaresma. Eis o que nos disse:

— Quanto à minha primeira internacionalização, devo dizer com toda a franqueza, embora isso pareça a muitos extraordinário, que alinhiei com a mesma naturalidade dos grandes jogos do meu Clube, satisfeito é claro, por envergar pela primeira vez,



QUARESMA, o fino avançado do Belenenses que, a 5 de Outubro, arruma saudosamente as bolas — deixando de ser jogador para passar a treinador, num controlo por dois anos, do Belenenses

a camisola do «team» Nacional, aspiração máxima de todos os jogadores, desejo ainda de fazer boa figura e defender o melhor possível o nome de Portugal.

Um dos «títulos» de orgulho do nosso companheiro de cavaco, são as suas famosas «escolas de miúdos». Também conversámos — de passagem sobre elas. E Quaresma afirmou-nos:

— A criação das escolas de jogadores foi quanto a mim uma das melhores iniciativas, pois é delas que podem sair os futuros bons jogadores devidamente preparados. Se todos os clubes se interessarem pelo seu desenvolvimento, dando-lhes a assistência que elas merecem, como o Belenenses o faz, o futuro das escolas de jogadores será um facto e muito o desporto nacional virá a lucrar com isso. Criação que gosto de ensinar os miúdos, porque vejo neles interesse em aprenderem e aperfeiçoarem-se.

E chegou o momento de darmos por finda a palestra com Quaresma. Abordámos por isso, o «segundo momento» da sua carreira de desportista.

Ouvimos-lhe, então, estas palavras muito judiciosas, próprias de quem sabe o que o espera e com que conta para o desempenho da sua missão: — A missão de qualquer treinador de futebol é sempre ingrata e de muito trabalho. Não é só com os seus ensinamentos e esforço que se conseguem os bons resultados para as equipas. É necessário, também, que os clubes disponham de jogadores possuídos de habilidade, boa vontade e de uma preparação física indispensável.

— Num clube, como os «Belenenses», a missão de treinador é muito mais importante e de maior responsabilidade ainda. Espero, no entanto, com o decorrer do tempo, é claro, fazer alguma coisa de proveitosa para o meu Clube, servindo-me de alguns novos jogadores que revelam já certas qualidades indispensáveis ao bom jogador.

E com esta previsão nos despedimos de Artur Quaresma.

A desejar-lhe que ela se realize, para confirmação das suas qualidades natas, e apetecer-lhe que a sua festa de terça-feira próxima seja a confirmação plena — por parte do público — da admiração e simpatia que esse mesmo público sempre lhe dispensou.

Rosa de Matos.

SEGUNDA DIVISÃO

O Cova da Piedade e a Académica de Coimbra

conquistaram bons resultados

A segunda jornada da 2.ª Divisão pode ter dado, verdadeiramente, uma surpresa: a derrota do Barreirense no seu próprio campo, e na frente do Cova da Piedade, estreante neste prova, posto que campeão do 3.ª Divisão da época finda.

Esta derrota do Barreirense pode ser recordada lá mais para diante. E, para já, o Cova da Piedade desfez-se de um adversário difícil — e logo dentro do seu próprio ambiente. Outra equipa capaz de fazer carreira no ano corrente?

Em Coimbra, obteve o Associa-

ção Académica belo triunfo: 7-1 contra o Académico de Viseu. Sabemos que o Académico de Viseu possui boa equipa, agora reforçada. Logo, perdendo 7-1 com os estudantes, revela-nos o resultado que a Académica tem equipa para suportar o embate na sua divisão. Os vianenses, com as melhores espereanças, viu-os um pouco comprometidos na cidade universitária. Esta jornada não deu surpresas de grande vulto. Vejamos pelos resultados:

Oriental 3	—	Luso Barreiro 0
F. Benfica 2	—	Cuf Barreiro. 4
Casa Pia 1	—	Montijo 4
Barreirense 1	—	C. Piedade 2
Femalção 3	—	Vila Real 1
Sanjoanense 2	—	Sp. Fafe 0
Vianense 2	—	Leixões 1
Oliveirense 4	—	Académico 1
Académico 7	—	Aced. Viseu 1
Naval 3	—	C. Branco 1
G. Alcobaca 4	—	Ferrovário 1
Leões 2	—	Un. Coimbra 0
Portimonense 5	—	Portalgreense 1
U. Montemor 0	—	Desp. Beja 3
Compemol 2	—	Moura 0
Sp. Ferense 2	—	B. Esperança 2

Condições de assinatura

Pagamento adiantado

Custo por número	2\$50
3 meses, Esc.	32\$50
6 » »	65\$00
12 » »	130\$00

Companhia Colonial de Navegação

Assegura o serviço regular de passageiros e carga para a África Portuguesa e Brasil

e de carga para a América do Norte

ARCADIA O DANCING N.º 1 — DA CAPITAL —

Apresenta um sensacional programa de atracções com

Lolita Torres y Pepe Ballesteros LOS MAJOS DE ESPANA

TRIO Sinfonie Parisien

Carmelita de Cordoba, Hermanas Rodriguez, Mary-Mely, Lita-Anlle, Nancha de Aragon, e Mabel Valência

A's 3,30 Horas UMA GRANDE SURPRESA! TOURADA A' ESPANHOLA



Apresentamos Ben Barek, o famoso marroquino da Seleção da França, na sua nova indumentária espanhola do Atlético de Madrid. Ben Barek chegou a Espanha envolvido na popularidade, e logo se apresentou em Barcelona contra o «Espanhol». Antes de entrar em campo beijou a sua nova camisola e fez o sinal da Cruz, entrando em campo. A sua exibição, artística e inconfundível, produziu as mais diferentes reacções, ante a derrota do Atlético, desde o elogio mais alto à simples discreção. No domingo, porém, o Atlético triunfou brilhantemente do «Oviedo», e a estrela de Ben Barek brilhou com uma luz mais fulgurante. Ben Barek, em Espanha, talvez seja um exemplo para Portugal.

O JOGO DAS SALÉSIAS



O Benfica ataca com veemência algumas vezes, Feliciano e Sério, e todos os outros da defesa estão interessados no golpe do jogo



A luta junto das balizas assume, por vezes, aspectos grandiosos, Pinto Machado e os seus companheiros, no entanto, vêem-se livres de perigo!

Fotos A. FERRARI



Corona carrega impetuosamente de nada serve o seu esforço!



Aí vem a bola! E Sério já a sega, sob o olhar de Feliciano e Figueira, antes da bola chegar...

O GOLO DA VITÓRIA



Júlio acaba de driblar Feliciano e de passar a bola em perpendicular; Corona consegue, por sua vez, chegar primeiro à bola e desferir o remate que bate Sério, o qual deixa passar a bola por baixo do corpo. Uma dívida do Céu para o Benfica!



IMPERIO DOS SANTOS DO BENFICA VENCEU O CIRCUITO da MALVEIRA

COM a vitória obtida no VII Circuito da Malveira o corredor imperio dos Santos (1) conseguiu o quarto triunfo consecutivo. Conduziu bem toda a corrida, nunca abandonando o pelotão da vanguarda, constituído por 4 homens do Benfica e outros tantos do Sporting, aos quais depois se juntou Pinto Ribeiro do Cova da Piedade. O vencedor, que ganhou sete das trinta voltas do circuito, terminou com um valoroso «sprint», no qual bateu Júlio Mourão (2) também do Benfica, creditado em segundo lugar e Maximiano Rola do Sporting, que conquistou o terceiro posto da classificação. Este último que chegou a levar um pequeno atraso, recolheu e terminou bem.

O tempo conseguida por Império dos Santos — 1, h 48, m 45, s — não bateu o recorde estabelecido no ano passado por José Martins.

No decorrer das 30 voltas verificou-se a superioridade dos encarnados que ganharam 17, e conquistaram a «Taça Governador Civil de Lisboa», além de terem sido os vencedores do «Prémio da Rampa», conseguido por Mourão, da «Meta, da Alagoa» e da volta mais rápida obtidos por Manuel Gonçalves.

Ao Sporting coube a «Taça Câmara Municipal de Matra» e ao Cova da Piedade a denominada «Veraneantes da Malveira».

A organização do VII Circuito da Malveira, correspondeu à expectativa e traduziu bem o entusiasmo de Tulio Pereira, animador da prova e um dos seus entusiásticos participantes.

A TRAVESSIA DO TEJO



1 — Baptista Pereira, o grande campeão de fundo da natação portuguesa, digno descendente de Bessone Basto, António Soares, Basílio dos Santos e tantos outros, que mais uma vez confirmou, ganhando a Travessia do Tejo, as suas excepcionais qualidades; 2 — Os 4 homens do Alhandra, Baptista Pereira, Jofre de Carvalho, António Carvalho e Manuel Pinhão, depois da chegada; 3 — Um interessante aspecto da largada na Trafaria; 4 — Odete Nobre, Maria Luisa Araújo e Maria Luisa Malheiro, as três nadadoras que animaram a prova com a sua gentil presença; 5 — O grupo de concorrentes à Travessia do Tejo



O jogador Eduardo Vital

protagonista de um filme de aventuras

está na base do corte de relações entre o Atlético e o F. C. do Porto

AINDA na época passada, o jogador Eduardo Vital, preparou-se para concorrer a um emprego pública, vago no capital do Norte. Naturalíssimo. Actuava então no Atlético Clube de Portugal — mas pretendia, nessa altura, aproveitar o emprego no Porto — alinhando pelo campeão daquela cidade. Naturalíssimo, também, principalmente nos tempos que vão correndo...

Veio o defeito. Os jornais publicaram comunicados, avisando os jogadores — «das datas em que deveriam ser pedidas as transferências, etc.»

Eduardo Vital foi um dos primeiros. Pediu para representar o F. C. do Porto, alegando a sua classificação no emprego a que concorreu. E, naturalmente, como é costume, recebeu algum dinheiro. Cerca de 40 contos, talvez...

«Os corpos gerentes do Atlético Clube de Portugal, reunidos extraordinariamente, resolveram, por unanimidade, perante a atitude anti-desportiva dessa direcção, cessar desde hoje todas as relações entre o Atlético e o Futebol Clube do Porto».

Vê-se que dois clubes de categoria, sempre amigos desde velhas datas, e despeito do Atlético ter apenas 6 anos, se zangaram por bem pouco. Nós lamentamos que tal suceda, e só desejamos que a decisão dos dirigentes não perturbe o público adepto do popular futebol. E vamos mais longe: fazemos sinceros votos pela rectificação deste attitude. Mesmo acreditando na existência de alguns casos escuros, parece-nos exagerado interromper as boas relações desportivas de dois clubes só porque um jogador se meteu de parte e foi protagonista de uma ou outra attitude menos correcta. Afinal — um caso de todos os dias, não é verdade?

E o que se teria passado de grave?

As informações que nos deram, e de boa origem, dizem-nos isto:

— Eduardo Vital, com emprego recomendado por uma pessoa de sua família e por certo auxiliado pelo F. C. do Porto, fixou-se mais ou menos na capital do Norte. Vive numa pensão, junto de outros elementos recrutados pelo grupo portuense: um jogador do Montijo, de novo Pinto, salvo erro, e outro de Aveiro, que já jogou oficialmente — Vieira.

Tudo corria normalmente. Esperava-se a decisão superior ao pedido de transferência — e a certa altura soube-se no Porto que a mesma fora indeferida.

Logo após a notícia outros casos se passaram... Em dado momento, — Vital desapareceu do Porto. Eis como foi conhecido o «acontecimento»: o jogador Vieira,

surpreendido com a falta de Vital e do montijense, liga para alguém do F. C. do Porto:

— O Vital e o Pinto não jantaram nem dormiram na pensão. E do guarda-vestidos desapareceu e a roupa de ambos!

A coisa passou-se a um sábado. No domingo, Vital jogava pelo Atlético, na festa de Carlos Cenuito. E nesse altura sabe-se que a transferência, afinal, fora concedida superiormente «desde que fosse dada pelo «Diário do Governo» a sua nomeação para o emprego público no Porto».

Deste modo — O F. C. do Porto procurou chamar Vital à ordem. Estava transferido para o clube — e isso levou um director a comunicar com ele, deslocando-se a Almada na segunda-feira imediata ao jogo de Tapadinha. O emissário portuense bateu-lhe à porta, duas, três vezes, mas Vital havia desaparecido! Passou mais um dia, e na terça-feira Vital regressou a casa.

Explicou então: — Já sei que estou transferido para o F. C. do Porto e regresso ao Norte. Mas eu assinalei a ficha; pedi a anulação de minha transferência; fiz outras coisas!

— Esse agora? Mas então esqueceu-se do que afirmou ao F. C. do Porto? E das responsabilidades contraídas? E como o pode fazer se está transferido?

— O Atlético prometeu-me 20 contos. Disse que nos deve segunda-feira e não deu. Depois, disse entregá-los na terça — mas também falou. Eu tomei esses compromissos, numa reunião fora de Lisboa...

O homem regressa ao Porto. Mas desaparece da cidade ao outro dia! Os desportistas que o haviam visto, no café, gritaram logo: — Outro rapto!

Os jornais dão a notícia. Mas o F. C. do Porto, segundo parece, manteve-se com toda a serenidade, pois sabia bem onde ele estava...

Mais uns dias sobre todos os «incidentes». Num sábado, há duas semanas, telefonou de Macieira de Cambra para o F. C. do Porto e atende um director.

— Quem fala P
— Vital. Querie saber em que pé está o meu caso, pois chegou agora um automóvel, de Lisboa, e pretende levar-me!



VITAL — hoje discutidíssimo — marca a sua personalidade de jogador neste lance!

— Mas você é maluco, ou quê? Só as crenças ou as meninas cadoiros são raptadas... E agora? O que deseja fazer?

— Dizem-me que só posso jogar pelo Atlético. Eu quero jogar...

— Faça o que entender. Está transferido para o F. C. P. e tem compromissos, responsabilidades. Bem o sabe: se tomar outra attitude, pode isso ser fatal à sua carreira. Agora é tarde para você e nós tomarmos outro rumo. Escolha o caminho que quiser.

— Mas está aqui um carro! Tenho de resolver qualquer coisa!

— Regresse ao Porto!
E, momentos depois, um taxi corria de Macieira de Cambra para o Porto. Levava Eduardo Vital!

Há, em tudo isto, um pouco de sonho e de aventura. No fundo, se julgarmos bem, não se passa de um vulgaríssimo sinal dos tempos. Culpas? Do F. C. Porto? Do Atlético? De Vital? Talvez de organização. As direcções, muitas vezes, não actuam. Tudo se passa em volta de duas ou três pessoas, que falam ao atleta, que organizam o processo e o entregam depois, prontinho para o remate final.

Haveria motivo para um «corte de relações» por parte do Atlético? Claro que outras coisas se devem ter dado à volta dos raptos e contra raptos conhecidos, e que por certo perturbaram o espírito do jogador, levando-o a tomar decisões estranhas e inverosímeis. Era «jogado», naturalmente. Disse que fica escrito — temos a certeza, menos das afirmações de Vital, embora algumas possam ser autênticas e indestrutíveis.

“O Norte Desportivo”

Passou a bi-semanário, publicando-se portanto aos domingos e 5.^{as} feiras, o jornal «Norte Desportivo» que Alves Teixeira dirige com denodo, e que reflete as suas admiráveis qualidades de lutador, e de homem que se dá pelo coração e pelas ideias. Desejamos, com sinceridade, a que vem do respeito que nutrimos pelas pessoas que trabalham abnegadamente, que o «Norte Desportivo» do meio-da-semana represente a repetição do bom triunfo de todos os domingos.

PATINS INGLESES

os mais populares

E ACESSÓRIOS

PARA BICICLETAS

Representantes

F. H. D'OLIVEIRA & C. L. DA

LISBOA — C. Marquês de Abrantes, 52 — Telefone 6 0113
PORTO — Rua do Almada 243 a 245 — Telefone 2 4208

1.º PORTUGAL-ESPANHA, MADRID, 1921



A selecção portuguesa de futebol que no dia 18 de Dezembro de 1921, jogando contra a Espanha em Madrid, recebeu o batismo internacional e demonstrou, apesar de batida por 3-1 em difíceis condições, as qualidades que nos valeram depois algumas vitórias notáveis. Da esquerda para a direita: Jorge Vieira (*Sporting*); José Maria Gralha, António Lopes e António Pinho (*Casa Pia*); António Ribeiro dos Reis (*Benfica*); Raul Nunes (*secretário geral da União Portuguesa de Futebol*); Candido Oliveira (*Casa Pia*), capitão; Artur Augusto (*F. C. Porto*); Victor Gonçalves (*Benfica*); João Francisco Maia (*Sporting*); Carlos Guimarães (*Internacional*); e Alberto Augusto (*Benfica*), autor do ponto português, marcado de grande penalidade.

A nossa SEPARATA

O baptismo internacional do futebol português

Portugal, 1-Espanha, 3

A União Portuguesa de Futebol, que ao tempo regia os destinos do popular jogo da bola no nosso país, conservara com a sua congénere espanhola, nos fins da temporada de 1920, a celebração em Madrid, na época seguinte, do primeiro encontro oficial entre as selecções representativas das duas nações peninsulares.

Escolhida posteriormente a data de 18 de Dezembro de 1921, a actividade da nova época começou sem que, por parte do organismo dirigente, se notasse qualquer indício de preparação especial dos futuros representantes nacionais.

Só em meados de Novembro a Associação de Futebol de Lisboa escolheu o engenheiro Augusto Sabbo para preparador «da sua equipa», que havia de disputar à equipa do Porto a honra de representar o nosso país no «match» Portugal-Espanha. («Os Sports», 17-XI-21). Por esta indicação se vê quanto eram diferentes os critérios de então, de aqueles que hoje são seguidos.

Contra o que seria de presumir, os treinos não correram de feição, por desinteresse dos jogadores convocados, que faltavam em elevado número e por desinteligência da maioria com o treinador, que lhes pretendia impor doutrina sua e diferente dos seus processos habituais de jogo.

Em 1 de Dezembro realizou-se no campo do Sporting um encontro entre prováveis e possíveis. Para o presumido grupo nacional foram chamados Guimarães, Artur José Pereira e Francisco Pereira; J. M. Gralha, Jai-

me Gonçalves, José Rodrigues, Alberto Augusto e Alberto Rio.

Destes faltaram os irmãos Pereira, substituídos por Cândido de Oliveira e Nunes; e Rio, cujo posto foi ocupado por Francisco Stropm.

Contra eles alinharam: Garcia, Azavedo e Armindo; F. Jesus, Filipe dos Santos e Gomes Santos; Canuto, Lopes, Ribeiro dos Reis, Crespo e H. Abrantes.

Este grupo mixto, após uma partida ténicamente fraquíssima dos prováveis (apenas Pinho mereceu as graças da crítica), sob chuva impertinente, venceu por 2-1.

Nos dias imediatos, o seleccionador, reconhecendo a inviabilidade de aplicação dos seus métodos decidiu abandonar o encargo, ficando praticamente a constituição do grupo confiada a um comité formado pelos mais cotados de entre os próprios seleccionados.

Foi assim que, em 14 de Dezembro, partiram para Madrid os onze efectivos, os suplentes Fernando de Jesus e José Rodrigues, os preparadores da equipa, dr. Salazar Carreira e engenheiro Correia Leal e o secretário geral da U. P. F., sr. Raul Nunes.

Antes, porém, — e como sintoma flagrante do desentendimento que em todos os trabalhos reinava, por falta de autoridade da entidade superior — a Associação do Porto resolvia protestar, junto da Federação Espanhola, pela forma irregular com que fora constituído o grupo nacional!

Lutando contra todos os ventos contrários, a empresa foi por diante



Alberto Augusto, um excelente extremo-esquerdo, executa uma avançada rapidíssima e fulgurante!

e chegou, finalmente, a tarde ambientada.

Dia alegre de sol, que trouxera ao campo de Vallecas, pertença do Atlético madrileno, 7.500 espectadores. Os grupos alinharam:

Portugal: Guimarães, Pinho e Vieira; J. Francisco, V. Gonçalves e Cândido (cap.); Gralha, Lopes, Ribeiro dos Reis, Artur Augusto e Alberto Augusto.

Espanha: Zamora, Pololo e Arrate (cap.); Balbino, Meana e Fajardo; Pagasa, Arbide, Sesumaga, Alcantara e Olaio.

O árbitro belga Barette apita para começo do jogo às 15 horas, desempenhando Boo Kullberg as funções de juiz de linha português.

Foi dos espanhóis a primeira avançada, à qual responderam com o ataque de Gralha, cujo centro se perdeu

Logo ao início da segunda parte Alcantara obtem, com um pontapé falhado, mas feliz, o terceiro ponto espanhol, equilibrando-se a luta em seguida, até ao quarto de hora final, em que os portugueses assentaram nítido domínio.

Já perto do fim, Fajardo mete mão à bola dentro da área e a grande penalidade é assinalada por mr. Barette. Encarrega-se de a marcar Alberto Augusto, que atira para a esquerda de Zamora e enfia a bola nas redes, apesar do mergulho do famoso porteiro, que ainda lhe toca com os dedos.

O jogo terminou no campo adversário.

A crítica portuguesa por em livro a acção de Vitor Gonçalves, Jorge Vieira, António Pinho e Alberto Augusto.

A imprensa espanhola foi severa na apreciação do grupo português,

No próximo número de 6 de Outubro

publicamos a Separata a côres da Selecção Nacional que jogou contra a Itália em 1925 e que obteve a primeira vitória internacional do futebol português

Aos nossos Agentes e compradores recomendamos que façam desde já os seus pedidos à Administração da «Stadium», Rua da Rosa, 252

Os dois capitães, Arrate e Cândido de Oliveira, antes do começo do encontro



por atrazo dos companheiros do centro.

Aos cinco minutos, após um canto contra os portugueses, o árbitro assinala um livre a favor dos espanhóis, junto à nossa linha de cabeceira; marcada por Pagasa, a bola é recolhida de cabeça por Meana, numa entrada fulgurante e estava feito o primeiro ponto do adversário.

O grupo nacional acusa o toque e alguns dos seus elementos desorientam; mais cinco minutos e Alcantara, à vontade, prepara o remate e obtem segundo ponto.

Ao contrário do antecedente, este novo ponto espavta o brio dos portugueses, que reagem com energia, mas sem coesão. No entanto, o intervalo chega sem alterações, brilhando o trio defensivo português e o médio centro, em tarde de grande intuição.

considerando-o muito fraco, censurando também a constituição da linha do seu país.

Zamora, numa entrevista, abundava nas mesmas ideias, afirmando que, «se os dirigentes espanhóis tivessem vergonha não tornariam mais a intervir em coisas de futebol».

Estas declarações devem, em parte, ter sido influenciadas pela decepção ante um resultado honroso para os portugueses estrangeiros e que os «congratados mestres» não haviam previsto.

A primeira cartada, sempre aventureira, fora jogada sem desprestígio e teve a fortuna de criar ambiente para a continuidade de esforços, já melhor orientados e organizados, que só quatro anos mais tarde nos trouxeram, no entanto, a satisfação de uma vitória.

F. C. DO PORTO AVANÇA!



1

Fotos HERMANN

BRILHANTE CARREIRA DO S. DE BRAGA



1



1—Mota, esforçadamente, defende com oportunidade. Já lá estava Araújo!; 2—E Vieira despeja um forte remate com a marca de golo; é o 1.º!; 3—Novamente Mota, guardaredes do Boavista, em acção!

EM ELVAS, JOGO RENHIDO!

fase animada junto das redes de Guimarães



1—Covilhã defende-se com entusiasmo e ganas de quem não se quer deixar bater facilmente: uma excelente defesa de António José; 2—O remate é potente, António José salta, mas a bola é alta



2

Fotos BENIGNO DA CRUZ

EM FAMALICÃO



Famalicão alcançou uma boa vitória sobre o grupo de Vila Real de



CAMPEONATOS INTERNACIONAIS DE PORTUGAL—Duas excelentes tenistas, Johan Quartier e a portuguesa Peggy Brixhe; ao lado direito, a espanhola Josefa de Riba e a

O dia desportivo do Belenenses



Em cima, os elementos da estafeta belenense, do Jardim Colonial ao campo das Salésias, numa cerimónia simbólica; em baixo, os belenenses começaram a praticar natação no tanque do Jardim Colonial, afirmando progressos e valores futuros



O atletismo progride no nosso país e dia a dia ganha adeptos, como o prova este grupo de concorrentes às provas de experiência de «O Primeiro Passo» organizado pelo Sporting e coadjuvado pelo «Mundo Desportivo»



OLHÃO VENCE SETÚBAL

Fotos PATRÍCIO



1 — Os algarvios, por intermédio de Soares, vivo e dinâmico, desenvolvem um perigoso movimento de ataque; 2 — Baptista livra, com perícia, o seu grupo de dificuldades



TORNEIOS DA A. F. L.

Os Torneios promovidos pela Associação de Futebol de Lisboa prosseguem com o mais vivo interesse, registando-se desafios de boa classe, e quais dão fase animadas com esta que reproduzimos do encontro Benfica-Futebol Benfica.



DOIS ASPECTOS DAS SESSÕES SOLENES DE ANIVERSÁRIO DO BELENENSES E ATLÉTICO — A esquerda, Carvalho Santos, em nome da A. F. L. sauda o Atlético; à direita, o dr. Octávio de Brito num elegante discurso de saudação aos associados do Belenenses

na capitã do NORTE

MOSAICOS nortenhos...

A POUCA SORTE DE SANFINS...

O treinador Scopelli, entrevistado por Alves Teixeira, elogiou as qualidades do jogador Sanfins. Também nós o temos feito. De facto, o público portuense não tem ajudado Sanfins, pois não lhe perdoa absolutamente nada!

No entanto, outros elementos de mais categoria, mesmo exibindo-se mal, são sempre aplaudidos e acarinados. Lamentamos que tal suceda. Sanfins esmorece quando o público se mostra hostil, às vezes ingrato. O rapaz tem magníficas qualidades, sabe jogar futebol, é correcto e bom companheiro. Precisa apenas que o estimem um pouco mais...

O BOAVISTA PRINCIPIOU COM POUCA SORTE...

O Boavista deslocou-se para a Covilhã e não teve muita sorte. Perdeu por 4-0 e também o concurso do seu jogador Barros, que foi castigado com 5 jogos de suspensão.

Segundo nos informam, o Boavista merecia melhor. A defesa comprometeu bastante a equipa, sendo acusada de facilitar a entrada de duas bolas covilhanenses. Claro que nestas coisas todas não se conta com o valor dos «leões da serra». Estes também são capazes, por certo, de fazer boa figura, principalmente nos jogos da sua terra.

O que mais aborrece é o castigo de Barros, um bom jogador do Boavista. Mais uma vez se recomenda aos jogadores o maior cuidado. Os castigos, este ano, magoam bastante...

Curiosidades...

O F. C. Porto, como já é do domínio público, recebeu um telegrama do Atlético C. P., anunciando-lhe o «corte de relações desportivas».

Um marechal do clube portuense, interrogado por nós, informou:

— «O Atlético continua a ser para nós um clube simpático. Por «aquele motivo» teríamos já cortado relações com toda a gente. Nós, con-

A VITÓRIA DE FERNANDO MOREIRA

O público do Norte, amigo da sua terra e dos seus atletas, ficou muito satisfeito ao saber que Fernando Moreira e a equipa do F. C. do Porto haviam ganho nobremente a última «Volta a Portugal» em bicicleta. A sua alegria, sincera, franca — alegria «à moda do Porto», — como a justiça da vitória conquistada, parecem ter perturbado, no entanto, o espírito de muita gente e até de um outro ornamento da imprensa desportiva.

Assim, os portuenses assistem com desgosto a umas belliscaduras interiores, ofensivas para a dignidade e brio dos homens que venceram a última «Volta». Surrateiramente, pretende-se agora desvalorizar a vitória do melhor ciclista português de momento, do rapaz que já há dois anos e na época linda demonstra capacidade para ganhar a maior prova da velocipedia nacional, pelos seus próprios recursos, pois não possuía então elementos capazes de o ajudar.

Servem-se os detractores de boatos malevolos e despeitados, E, com modos simples, pondo na boca de anónimos uma informação arrojada, arrojada e falsa, pretendem alistar que Fernando Moreira ganhou por «ajuda criminosas» de segundos. De «segundos» que afinal foram «tereiros», pois para bater Moreira seria preciso bater primeiro o espanhol Rodriguez...

Esta simples evocação lembra-nos já que não só um homem, o português Rebelo, como se pretende alistar (embora veladamente) foi inferior a Fernando Moreira. O melhor ciclista espanhol da actualidade mostrou-se impotente quando só levava 3 segundos de atraso; mostrou-se impotente para dominar Moreira, quando este lhe lagiu depois de 100 metros de vantagem; e nunca foi capaz, mesmo depois de Setabal, de destruir o passo vigilante do ciclista portuense. Ora, Emilio Rodriguez também não quereria ganhar? E não valeria Emilio Rodriguez tanto como qualquer dos grandes valores da última «Volta»? Porque se deseja fazer acreditar que Fernando Moreira ganhou por «desistência declarada» de um ciclista, quando esse ciclista teria de ganhar a Rodriguez, quando esse ciclista só o ano passado foi melhor na «Volta», — facilitado pela circunstância do portuense sair da tropa para a prova?

Os portuenses não esquecerão a ofensa e nem a maneira como ela é lançada no espírito público. Todos nós desejaríamos saber que jornalistas em serviço na prova podem garantir os boatos espalhados. Nós, os de cá, não queremos que Fernando Moreira seja apontado vencedor à custa de estranhas atitudes. Somos briosos, gostamos de ganhar com honra, e por isso agradecemos que os jornalistas lisboetas sejam claros. Que nos digam alto e bom som se determinado estradista se deixou bater «propositadamente», ou se as cenas de rendência apareceram para justificar uma falta de pernas para a luta.

Somos rudes, somos francos, e queremos que nos digam tudo claramente, sem insinuações de qualquer ordem. É muito fácil falar por falar, e mais fácil ainda fazer da opinião pública um brinquedo. Não, não, amigos: digam-nos, pão-pão, queijo-queijo, o que pretendem, mas sem cuspir na face dos desportistas portuenses e da valerosa equipa vencedora da última «Volta». Lá que um ciclista nos diga coisas arrojadas, às vezes ofensivas, por falta de cultura ou condescendência por entrevistadores de mérito redazido — ainda poderemos desculpar. Mas, fora disso, — o Porto fica de stalina. Sente a vergastada, o insulto, por mais escondido que ele esteja.

Fernando Moreira e a equipa do F. C. P., ganharam porque foram melhores. Perderam já muitas vezes e souberam perder. Agora, eles e todos nós, portuenses, exigimos que, honesto e imparcialmente digam de sua justiça os elementos responsáveis. Queremos provas! Nada de insinuações! — A. S.

tinuaremos onde estamos. Suponho eu; ainda não tratamos de nada. No princípio da época temos muitos afazeres.»

Confirma-se a noticia aqui dada oportunamente: o F. C. P. espera a chegada de um excelente jogador ar-

gentino, para o posto de interior esquerdo.

Noutro lugar se dirá por quanto ficou o brasileiro Silva ao F. C. Porto. Nada do que se diz. Há jogadores portugueses que ficam por mais dinheiro e têm menos valor...

SILVA receberá

60 contos
e paga a sua
«carta» por 100...

Muito se tem dito e escrito sobre a transferência do brasileiro Silva, e também sobre o dinheiro desembolsado pelo F. C. Porto para obter o seu concurso. Algumas verbas, no entanto, excedem extraordinariamente os números que na realidade devem ser consumidos com esta operação.

— Silva, afinal, não fica tão caro como parece à primeira vista. Hoje, há jogadores portugueses, de reduzido valor, que ficam bem mais caros, se formos apreciar a sua produção e o dinheiro que custaram. O F. C. Porto andou em volta de um jogador do distrito de Aveiro, que foi perer a Lisboa e ficava por perto de 40 contos.

Isto nos afirmou há dias Gomes de Sousa, scilicet e dedicado director do F. C. Porto. Que prosseguiu:

— Silva recebe 60 contos. Porém, no fim da época, se o F. C. Porto o quiser dispensar, paga a sua «desobrigação» por 100 contos!

— Esse agora! Então, nesse caso, o F. C. do Porto ainda ganha 40 contos com o negócio?

— Exactamente. Mas isto prova, antes de mais nada, que o nosso novo recruta sabe o que vale e tem confiança em si. E não perde, evidentemente, pois nós fizemos o negócio com o Barcelona. Uma vez dispensado pelo F. C. Porto, no fim da época, — negociará ele próprio a sua transferência. E nós ganhamos 40 contos, se tal acontecer. Logo, neste ponto, já a operação não é ruinosa...

— Mas esqueceu-se da indemnização ao F. C. de Barcelona!

— Também não perdemos...

— Como?

— O nosso grupo de honra vai jogar brevemente a Barcelona. Receberá cerca de 100 mil pesetas e todas as despesas de deslocação por via aérea. Claro que o campeão da Liga de Espanha fará uma grande receita e nós receberemos um pouco menos do que poderíamos receber noutra emergência. Com a receita do Barcelona — nada temos; e na parte que diz respeito ao clube — ainda ganhamos!...

— Nesse caso, se fizermos bem as contas, o F. C. Porto ganhou dinheiro e um bom jogador!...

— Tudo quanto lhe disse é verdadeiro.

Está desfeita e linda, portanto. Silva não fica mais caro do que um modesto jogador da provincia. E deu menos trabalho...

ESTORIL

COSTA DO SOL
(A 23 QUILOMETROS DE LISBOA)

Excelente estrada marginal
Rápido serviço de combóios eléctricos

CLIMA EXCEPCIONAL DURANTE TODO O ANO

TODOS OS DESPORTOS:

Golf (18 buracos), Tennis, Hipismo,
Natação, Esgrima, Tiro, etc.

HOTEIS:

ESTORIL-PALACIO HOTEL
Luxuoso e confortável—Magnífica situação

HOTEL DO PARQUE
Boa instalação—Anexo às Termas e Piscina

MONTE ESTORIL HOTEL
(antigo Hotel de Itália)
Ampliado e modernizado

ESTORIL-TERMAS
Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisio-
tápico. Laboratório de análises clínicas.
Gimnástica Médica. Massagens

TAMARIZ:

Magníficos esplanados sobre o mar. Restaurante-Bar

Piscina de água tépida — Sala de armas
Escola de equitação — «Stands» de Tiro

CASINO

Aberto todo o ano
Cinema - Concertos - «Dan-
cing» - Restaurante - Bars
Jogos autorizados

INFORMAÇÕES:

Sociedade Propaganda da Costa do Sol
ESTORIL

a vida desportiva
POR ESSE MUNDO FORA

NOTA DA SEMANA

QUANDO Buffon, o naturalista, chamou ao cavalo «a mais admirável das conquistas humanas» não imaginava a que ponto o seu semelhante havia de ser levado pela paixão do hipismo.

Maurice de Noisay, conta no livro *Voilà les Courses!* que um combatente de Verdun, ao ser gravemente ferido por uma bala na cabeça, e de tal modo que esteve cego por algum tempo, recordou como primeiro pensamento o panorama de Longchamp. Sentiu um desespero insuportável, julgando que nunca mais voltaria a assistir ao maior prazer da sua vida: as corridas de cavalos equestres:

Em certos países da Europa, nomeadamente a França e a Inglaterra, o hipismo conquistou raízes tão profundas como a lauroaquia na Península ibérica ou a ginástica na Suécia. Assim se explica que um ser humano, em momento de crise profunda, esquecesse todas as afinidades sentimentais e espirituais para deplorar um espectáculo vulgar, de corridas de cavalos sobre pista de relva.

Sua Magestade o puro-sangue, tem destas e outras dedicações. Na semana finda, morreu em Inglaterra, o famoso equídeo «Brown Jack» com a veterana idade de 25 anos. Vencera seis vezes consecutivas, entre 1928 e 1934, a corrida de fundo denominada «Alexandra Stakes», que era, ao tempo, a mais longa da Europa. Os seus admiradores, levados pelo entusiasmo arrancararam-lhe todas as crinas da cauda e durante a última guerra não lhe faltou a razão do açúcar, pois muita gente preferia ceder-lhe a capitação própria, como prelo de uma homenagem inabalável.

«Brown Jack» sucumbe à doença quando já era uma reliquia sem préstimo, caquética, mas deixa no coração dos admiradores profunda saudade.

O culto pelos animais, entre latinos, é menos fervoroso mas parece-nos mais consentâneo com o bom-senso.

Sempre é uma vantagem!

A França esqueceu por momentos a crise política em que se debate para aplaudir a magnífica vitória do pugilista Marcel Cerdan sobre o americano Tony Zale.

Em Paris não se dormiu. Algumas casas de espectáculo, transbordando de espectadores, mantiveram-se em funcionamento constante até ao anúncio da vitória. Em seguida foi o delírio.

No Rádio-Ciné de Montmartre, a orquestra Ferrari rompeu com a «Marselhesa» e a assistência acompanhou-a em cântico, com vibração jamais igualada. Instante patético e prodigioso.

Depois, pelas ruas, um cortejo enorme gritava a plenos pulmões: «Queremos Cerdan no Governo!» como se idolo popular lenha capacidade para efectuar o entendimento e a concórdia de todos os franceses.

A lembrança, que pode parecer ridícula e risível, tem um grande fundo de sensatez a acompanhá-la. Quando os maiores vultos políticos se mostram incapazes de dominar o fogo das paixões sectárias surgiu um homem do povo, que reúne a totalidade dos sufrágios. Cerdan, como outrora Napoleão depois da campanha de Itália, conquistou o povo francês, com o vigor dos seus punhos, a sua inteligência de pugilista e a sua inegável coragem.

Quando o nome da França parece menos cheio de prestígio, pelas convulsões internas, há um homem que o coloca no pedestal da admiração pública, realizando um verdadeiro milagre de apaziguamento.

Eis porque a frase «Queremos Cerdan no Poder», é um monumento de lógica. O que os franceses querem são indivíduos daquela magnífica têmpera, capazes de fazer jogo limpo e corajoso ao enfrentarem os graves problemas nacionais da hora que passa. Marcel Cerdan deu uma bela lição de energia aos seus compatriotas e oxalá que a aproveitem.

Rafael Barradas

No decorrer do 1.º assalto do combate Zale-Cerdan, o primeiro quis tomar a ofensiva mas foi imediatamente contra-batido pelo jogador francês. Aqui vemos Zale (à esquerda) aplicar uma potente esquerda ao corpo do seu adversário.

